

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

TAHEREH MAFI



VIGIA-ME

UM ROMANCE DA SÉRIE ESTILHAÇA-ME

UNIVERSO DOS LIVROS



VIGIA-ME



TAHEREH MAFI

VIGIA-ME

São Paulo
2025

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Watch Me

© 2025 by Tahereh Mafi

All rights reserved

© 2025 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Gerente editorial: **Marcia Batista**

Produção editorial: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**

Tradução: **Cynthia Costa**

Preparação: **Monique D’Orazio**

Revisão: **Nathalia Ferrarezi e Aline Graça**

Capa: **Alexis Franklin**

Arte: **Renato Klisman**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M161v Mafi, Tahereh

Vigia-me / Tahereh Mafi ; tradução de Cynthia Costa. — São Paulo : Universo dos Livros, 2025.

304 p. (Série Estilhaça-me - A Nova República ; vol. 1)

e-ISBN 978-65-5609-783-1

Título original: Watch me

1. Ficção norte-americana 2. Distopia – Ficção
I. Título II. Costa, Cynthia

25-1079

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803

CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

*A questão da próxima geração não será como libertar as massas, mas
como fazê-las amar sua servidão.
– Aldous Huxley*

Ninguém jamais saberá a violência que foi necessária para se tornar tão gentil.

– Autor desconhecido

ROSABELLE

Quando abro o armário, as prateleiras estão vazias.

Não é surpresa, claro: faz semanas que as prateleiras estão vazias. Só faço essa cena para Clara, abrindo o armário toda manhã, fingindo que pode haver algo além da barata que se move lá dentro.

Fecho a porta e me viro para Clara. Ela nunca sai da cama, a menos que eu a carregue. Hoje ela está sentada, olhando pela janela coberta de gelo, seus olhos pálidos ainda mais pálidos sob a luz matinal. Sua mão treme ao mexer na cortina puída. Um brilho azul ilumina o vidro.

— Estamos sem pão — anuncio. — Vou sair.

Há dias em que Clara me deixa sair sem questionar. Em outros, ela me pergunta como pago pela comida que trago para casa. Hoje, ela diz:

— Sonhei com a mamãe esta noite.

Mantenho a expressão impassível.

— De novo?

Clara vira-se para mim, tão magra que seus olhos parecem afundados no rosto.

— Ela não estava bem, Rosa. Estava sofrendo.

Eu calço as botas, balançando a cabeça sob um feixe de luz.

— Foi só um sonho — digo. — Os mortos não sofrem.

Clara desvia o olhar.

— Você sempre diz isso.

— E você olha demais para a fotografia dela — respondo, amarrando os cadarços. Minha mão direita não está tremendo hoje, e sinto uma onda de alívio ao ficar em pé, depois um lampejo de terror quando noto o fogo se extinguindo na lareira, assim como a pequena pilha de lenha ao lado. Tento aplacar o terror. — Além disso — acrescento —, você mal a conheceu.

— Bem, você mal fala dela — Clara rebate com um suspiro.

Pela janela, paralisada, observo um pica-pau-de-topete-vermelho martelando o bico em um tronco coberto de musgo. Faz mais de uma década que o Restabelecimento caiu; pouco mais de uma década que estamos morando aqui, na ilha Ark. E eu também gostaria de bater a cabeça sem parar contra uma superfície dura. Respiro fundo, ignorando a perpétua dor da fome.

É estranho ver os pássaros.

Eles preenchem o céu com sons e cores, agitam-se nos telhados e sobre galhos. Ao nosso redor, os pinheiros espiralam em direção ao céu, nunca se rendendo às estações. Aqui está sempre úmido, verdejante, frio. Lagos cintilam sem precisarmos tocar sua superfície. Cadeias de montanhas distantes parecem pintadas em aquarela, com picos translúcidos visíveis através da neblina. Os aquecidos e bem alimentados costumam chamar esta terra de bela.

— Não vou demorar — digo, abotoando o casaco velho do nosso pai. Anos atrás cortei as insígnias militares com uma lâmina cega, e foi assim que ganhei uma cicatriz. — Na volta, vejo como reacender o fogo.

— Certo — diz Clara, baixinho. E, em seguida: — Sebastian veio aqui ontem.

Congelo no lugar.

Muito devagar, retomo os movimentos, envolvendo meu pescoço com o cachecol esfarrapado da minha mãe. Ontem recebi permissão para trabalhar na usina e, quando cheguei em casa, Clara estava dormindo.

— Ele veio trazer a correspondência — ela esclarece.

— Correspondência — repito. — Ele veio até aqui só para entregar cartas.

Clara assente, depois puxa de debaixo do travesseiro um jornal dobrado e um envelope espesso, sem nada escrito, estendendo ambos para mim. Enfio os dois no bolso do casaco sem olhar.

— Obrigada — digo, baixinho.

Imagino, por um momento, como seria cortar a garganta de Sebastian.

Clara inclina a cabeça para mim.

— Ele disse que você faltou ao encontro da semana passada.

— Você estava doente.

— Eu falei para ele.

Olho para a porta.

— Você não precisa explicar nada para ele.

— Ele ainda quer se casar com você, Rosa.

Ergo a cabeça com determinação.

— Como você sabe disso?

— Seria mesmo tão terrível? — Ela ignora a minha pergunta, visivelmente trêmula. — Você não gosta dele? Pensei que gostasse.

Olho para a nossa pequena cozinha, com o fogãozinho, a mesa bamba, as cadeiras que nunca usamos. E, na placa de madeira sobre a pia:

Nossa sociedade

RESTABELECIDA

Nosso futuro

REDEFINIDO

Meus olhos embaçam.

Eu tinha dez anos quando voltei para casa e dei de cara com um urso-negro devorando o resto da nossa comida. Clara tinha três anos; fazia três dias da morte da nossa mãe. Não me lembro de ter matado o urso nem de ter enterrado os restos mortais de nossa mãe.

Eu me lembro do sangue.

Eu me lembro das semanas esfregando o piso de madeira. As barras do berço de Clara. O teto. As últimas palavras de mamãe para mim foram *feche os olhos, Rosa*, mas foi ela quem os fechou; os meus ficaram bem abertos. Ela colocou a arma na boca horas depois de ouvir que papai não seria mais executado por crimes de guerra. Ele havia nos trocado por uma meia-vida, vendendo segredos para o inimigo em troca de apodrecer aos poucos na cadeia. Eu costumava pensar que mamãe havia se matado porque ela não suportaria a vergonha. Agora tenho certeza de que é porque ela sabia que seria forçada a pagar pela traição do marido.

Talvez tenha pensado que poupariam suas filhas.

Pego a pele de urso do gancho e a coloco sobre o corpo trêmulo de Clara. Ela odeia essa pele. Diz que a dor do urso ainda rodeia nosso chalé, que ainda lhe dá ânsia após todos esses anos. Então, quando ela deixa a pele se assentar sobre seus ombros sem protesto, sei que a situação é extrema.

— Se você se casasse com Sebastian, as coisas melhorariam — diz Clara, controlando outro tremor. Ela tosse, e o som oco abre um buraco na minha

cabeça. — Eles retirariam as sanções. Você não precisaria fingir toda manhã que temos comida no armário.

Eu a encaro.

Lembro-me de quando Clara nasceu, quando olhei para ela e me perguntei se mamãe tinha dado à luz uma boneca. Só mais tarde me dei conta de que devo ter nascido igualmente estranha: pura palidez vítrea. Com frequência eu a observo dormir ou quando a doença a toma de tal forma que ela desliza para o coma. Aos treze anos, ela é gentil e otimista, muito diferente de mim na mesma idade. Ainda assim, apesar dos sete anos que nos separam, ela e eu somos muito parecidas: ultrapálidas; cabelos quase brancos de tão loiros; olhos de um tom desorientador de gelo. Vislumbrar Clara é como vislumbrar o passado, para como eu costumava ser, para quem eu poderia ter me tornado.

Eu também já fui gentil.

— Acho que ele a ama de verdade — ela diz, com os olhos brilhando de emoção. — Precisava ouvir como falou de você... Rosa, espere...

Não me despeço da minha irmã.

Pego o rifle automático escondido perto da porta, passando a correia pela cabeça antes de enfiar a velha balaclava na cabeça. Saio no frio, sentindo flocos grandes baterem sobre os meus cílios assim que a porta se fecha atrás de mim. O som da batida sobrepõe-se ao da voz dele. É a única explicação para o meu susto.

— Rosabelle — diz ele, materializando-se diante de mim com um sorriso. — Ainda morta por dentro?

ROSABELLE

Dou de cara com o tenente Soledad e, sem pensar, levo a mão à arma fria pendurada no meu peito. Soledad não é mais o tenente que era; o título é uma relíquia de outra época. Neste mundo recém-imaginado, ele é o chefe da segurança da ilha, o que não o torna nada além de um intrometido bem recompensado. E um tirano.

Aceno para os rostos familiares que passam, seus olhos saltando entre mim e Soledad, que se põe a andar ao meu lado. A neve está começando a grudar no chão; espirais de fumaça escapam das chaminés, manchando os céus com pinceladas errantes. Ajusto a balaclava no meu rosto; a lã velha faz coçar. Estou impaciente.

— Pensei que nosso encontro fosse só amanhã — digo com firmeza.

— Pensei em lhe fazer uma surpresa — ele responde. — Interrogatórios improvisados podem produzir resultados interessantes.

Eu paro, virando-me para encará-lo.

Lembro-me de quando Soledad era jovem, em forma e cheio de bravata; de quando ele servia sob as ordens do meu pai, antigo comandante-chefe e regente do Setor 52. Agora ele tem um peito largo, mas molenga; está curvado. Sua pele é cerosa e seu cabelo, ralo. Carrega o ar rançoso de outra época, e a evidência de tempos passados impressa em seu rosto. Um brilho azul-claro pulsa em suas têmporas, e seus olhos escuros às vezes reluzem, depois escurecem.

Meu braço direito treme de forma involuntária.

Sem alarde, mudo o curso do dia, sentindo a pressão de uma única chave enfiada dentro do bolso falso costurado no velho casaco do meu pai. A única fechadura que possuo fica no galpão camuflado pela natureza, para lá do chalé; eu pretendia visitá-lo, mas agora não posso mais. Ninguém no fosso sabe sobre a fechadura, porque fechaduras são ilegais; as casas no fosso não devem ter barreiras. Nossas mentes também devem ficar o tempo

todo abertas para inspeção. Era como viviam os nossos pais, como se vivia no Restabelecimento.

Vigilância é segurança, papai costumava dizer. *Só criminosos precisam de privacidade.*

Olho para Soledad, que ainda usa seu velho uniforme militar, com o bolso da frente adornado com o emblema tricolor de uma era enterrada. Ele perdeu um braço nos conflitos pós-revolução e usa sua prótese com orgulho; a manga enrolada revela o brilho prateado da maquinaria musculosa.

— Então — diz ele —, podemos nos instalar aqui ou ir para a central. A escolha é sua.

Dou uma olhada furtiva no fosso, que compreende um aglomerado de chalés, com suas janelinhas quadradas cintilando sob a luz cinzenta da manhã. As pessoas passam depressa, de cabeça baixa, evitando contato visual com Soledad, que nunca fez uma visita ao fosso sem causar pelo menos algum dano. Aqueles que vivem aqui foram sancionados — isolados da comunidade em virtude de uma série de infrações —, mas ninguém vive aqui há tanto tempo quanto Clara e eu, que nunca conhecemos outro lar nesta ilha. Nas semanas caóticas após o massacre de nossos comandantes supremos, papai nos enviou para cá com mamãe, prometendo se juntar a nós assim que pudesse. Mas ele ficou para trás de propósito, rendendo-se aos rebeldes de modo voluntário. Como retaliação, fomos sancionadas assim que chegamos.

— Temos de fazer isso agora? — pergunto, pensando em Clara, tremendo e faminta. — Prefiro manter nosso compromisso para amanhã.

— Por quê? Você tem planos para esta manhã? — ele diz isso como se fosse uma piada. — Você não tem permissão para trabalhar na usina hoje.

Uma pontada aguda de fome me atravessa, quase tirando meu fôlego.

— Só algumas coisas para fazer.

Soledad agarra meu queixo, e reprimo um estremecimento, firmando-me, forçada a encará-lo. Ele me observa por um longo tempo antes de me soltar, e controlo a explosão de repulsa em meu peito, obrigando meu coração acelerado a se acalmar.

Lembro a mim mesma de que estou morta por dentro.

— É tão estranho não saber o que você está pensando — diz ele, franzindo as sobrancelhas. — Todos esses anos, e ainda não me acostumei.

Torna difícil acreditar que você está sempre dizendo a verdade.

Outro leve tremor sobe pela minha mão direita. Sou a única pessoa aqui que não está conectada ao Nexus. Até Clara foi conectada antes de papai ser preso. Pouco antes da queda do regime, todos os civis sob a diretiva do Restabelecimento tinham sido conectados à rede neural, um programa que logo foi desmantelado pela Nova República. Soledad e seus pares gostam de nos lembrar que a razão pela qual perdemos a guerra foi porque os rebeldes não tinham sido chipados.

Não tenho nenhuma desculpa aceitável.

— Pena não termos conseguido reconectá-la — diz Soledad, enfim. — As coisas poderiam ter sido mais fáceis para você.

Memórias ganham vida: metal frio, gritos abafados, pesadelos induzidos por drogas. Com mamãe morta, não havia ninguém a quem implorar que parassem. Ninguém para se importar caso seus experimentos acabassem me matando.

— Eu não poderia concordar mais — minto.

Soledad transfere o peso para a outra perna. Veias azuladas pulsam em seu braço de metal, dedos prateados brilhando ao se flexionarem.

— Então — ele continua —, por que você faltou à reunião na semana passada?

Assim, de repente, inicia-se um interrogatório extraoficial. Aqui, no frio congelante. Sob o olhar dos vizinhos.

Clara, eu percebo, deve estar nos observando da janela.

Há um coro repentino de gritos, e meu coração salta, estabilizando-se somente quando vejo os gêmeos de Zadie, Jonah e Micah, brincando de luta na neve. Um deles dá um soco no estômago do outro e cai na gargalhada. Sinto o aroma de café da manhã vindo de um chalé próximo, e meus joelhos quase bambeiam.

Volto os olhos para Soledad.

— Clara estava doente.

— Coma?

— Não. — Desvio o olhar. — Passou a maior parte da noite vomitando.

— Comida?

— Sangue — esclareço.

— Certo. — Soledad ri. Ele me avalia através do casaco grande demais do meu pai. — Faz mais sentido, considerando o fato de vocês duas estarem

morrendo de fome.

— Não estamos morrendo de fome. — Outra mentira.

Um novo circo sonoro percorre meu sistema nervoso. Um bando de corvos pousa sobre um telhado próximo, agitando as asas, grasnando de modo assustador. Eu os observo, fascinada por um momento pelo brilho iridescente de suas penas pretas. De repente, ouvem-se dois tiros ensurdecedores.

Enrijeço por impulso, depois me forço a descongelar, meus dedos relaxando, meu pulso se acalmando.

— Malditos pássaros — murmura Soledad.

Ele caminha até a dupla de corpos caídos, pisa em seus pequenos ossos ociosos, espalhando sangue e penas na neve. Pisco, exalando no frio. Faz anos que estou morta por dentro, lembro a mim mesma.

A maioria das pessoas daqui odeia os pássaros pelo que eles representam, uma vez que significam que o Restabelecimento foi derrubado, que o projeto falhou. A Nova República e seus líderes traidores — filhos dos nossos comandantes supremos destronados — têm sido uma fonte fértil de ódio até onde minha memória alcança.

Imagino que Clara fará perguntas sobre os tiros.

— Tenho um trabalho de verdade para você, se estiver interessada — diz Soledad, agora limpando as botas em um pedaço limpo de chão.

Eu o encaro. A compreensão é rápida.

— Você não veio para me interrogar.

Soledad sorri para mim, mas seus olhos são ilegíveis.

— Nada nunca te escapa. Sempre odiei isso em você.

— Quantos desta vez? — pergunto, meu coração começando a bater em ritmo traiçoeiro.

— Temos quatro no total. Três já foram processados. Um novo chegou ontem à noite e está definitivamente... — Seus olhos brilham, vidrados, ganhando um tom desumano de azul. De repente, ele se vira, marcha até os gêmeos que ainda estão lutando na neve e agarra um deles pelo pescoço, Micah, e o empurra, com raiva, para o chão. — Você acabou de perder suas rações da semana.

Jonah corre em direção a ele.

— Mas... a gente só estava brincando...

— Ele ia arrancar seu olho! — grita Soledad, depois balança a cabeça com um movimento característico.

Micah grita.

Jonah fica parado, mas seus olhos estão fixos no irmão, que agora está deitado no chão, em silêncio e se contorcendo. Ouve-se uma porta batendo, um grito repentino, e a mãe deles, Zadie, vem correndo. Soledad abana a cabeça com desgosto, e Micah é libertado de sua paralisia. Com algum esforço, o menino revive nos braços da mãe.

— Desculpe, senhor — pede Micah, o peito arfando. — Eu não quis...

Soledad dirige suas próximas palavras a Zadie.

— Se você não conseguir fazer esses dois pirralhos pararem de agir como animais, vai passar mais um ano no fosso. Está claro?

Cabeças aparecem e logo desaparecem nas janelas vizinhas.

Zadie assente, murmurando algo inarticulado, depois agarra seus filhos e sai correndo.

No silêncio que se instala depois, Soledad retorna para o meu lado, examinando-me em busca de uma reação, mas tomo o cuidado de sempre não expressar nada. É a única maneira que encontrei para sobreviver aqui, onde sou vigiada não apenas pelo sistema, mas também pelos olhos de todos que encontro, até mesmo da minha própria irmã.

Vigilância é segurança, Rosa.

Só criminosos precisam de privacidade.

Só criminosos precisam de privacidade.

Por tantos anos acreditei em tudo o que meu pai dizia.

Naquele tempo, Soledad era amigo da nossa família; os anos em que vivemos em uma casa aconchegante e confortável, com comida abundante, quando a babá me vestia com roupinhas de seda antes de trançar meu cabelo. Eu descia furtivamente as escadas durante os jantares oferecidos pela minha mãe só para ouvir o som da sua risada.

— Quantos mais para que vocês suspendam as sanções? — pergunto, arrancando a balaclava da minha cabeça.

Sinto a estática no meu cabelo, a compressão no peito. Um vento forte bate no meu rosto; o ar gelado é bem-vindo à minha pele aquecida.

Soledad balança a cabeça.

— Não posso responder a isso. Seu pai ainda está vivo, ainda fornecendo segredos para o inimigo. Enquanto não pudermos conhecer sua mente, você

permanecerá um enigma. — Ele dá de ombros e desvia o olhar. — Todos nós fazemos sacrifícios pela segurança da nossa nação, Rosabelle. Pela segurança do nosso futuro. Este é o seu sacrifício... Pode ser que nunca acabe. — Ele volta os olhos para mim. — Olhe — diz ele. — Você pode matá-los todos juntos ou um de cada vez. Vou deixá-la decidir. Quando terminar, tento arrumar um remédio para Clara.

— E comida — digo rápido demais, depois paro, levando um momento para recompor o rosto. — E lenha.

— Todos juntos, então — ele afirma, estreitando os olhos.

— Todos juntos — concordo. — E agora mesmo.

Soledad arqueia as sobrancelhas.

— Tem certeza? Há um que não para de gritar. Teve uma má reação ao sedativo.

Sinto-me quente demais. Vestida demais. Eu me distraio enfiando a balaclava no bolso do casaco, e o envelope grosso que está lá dentro corta a minha mão. A dor ajuda a concentrar os pensamentos.

Não é necessário matá-los assim.

Temos alguns dos melhores médicos e cientistas do mundo, além de maneiras muito mais avançadas e humanas de matar os raros espiões que conseguem invadir a ilha Ark.

É claro que os assassinar não é uma atitude humana.

— Você se importa com o meu método de matá-los? — pergunto e, felizmente, minha voz soa firme.

O zumbido elétrico do helicóptero atrai minha atenção para o céu. Clara verá. Ela saberá o que significa.

— Não me importo com o seu método. — Soledad sorri agora; um sorriso de verdade. — Você sempre foi criativa.

JAMES

— Ok. Tudo bem. Está tudo bem. Você está bem — digo, andando de um lado para o outro no pequeno espaço da cela.

Hesito, então olho ao redor pela centésima vez.

Acho que esta é uma cela de prisão.

É limpa, o que é estranho. Também é bem iluminada por uma fonte de luz que não consigo identificar. As paredes e o chão são de aço polido — tão polido que consigo me ver em todas as direções, e os reflexos distorcidos continuam me assustando. Não tenho ideia de quanto tempo faz que estou aqui. De vez em quando, uma estranha névoa é liberada na cela, e a cada vez eu apago pelo que parecem ser algumas horas.

Meu plano brilhante não está caminhando conforme o planejado.

— Olhe — digo, apontando para um borrão do meu rosto refletido. — Não há razão para pânico. Você ainda tem suas roupas, além de todas as partes originais do seu corpo, e, caso morra aqui, ninguém se importaria de você ter precisado usar o banheiro, certo? Deixariam-no morrer sobre a pilha da própria merda...

Como se fosse uma deixa, um zumbido mecânico precede uma abertura no chão. Já aprendi que, a cada vez que digo a palavra “banheiro”, um painel desliza, revelando um poço negro sem fundo. A abertura é contornada por dentes de metal que quase prometem morder seu pinto. Nunca na vida fiquei tão apavorado e, ao mesmo tempo, aliviado de mijar. Odeio isso aqui.

Tentei gritar outras coisas também; coisas como *Me tirem daqui*, *Filhos da puta* e *Sundae de chocolate*, mas tudo o que consegui foi mais névoa no meu rosto.

Gostaria de saber se alguém em casa percebeu que eu sumi.

— Claro que sim, idiota — murmuro.

Adam vai ficar puto. Warner vai ficar superputo. Juliette já deve estar chorando. Se eu sobreviver a isto, Kenji com certeza vai me matar.

Uma semana atrás me pareceu uma boa ideia tentar invadir a ilha Ark. Este buraco é o último refúgio do Restabelecimento, o último suspiro de um governo psicopata e fascista que basicamente queria escravizar o mundo todo. Ninguém jamais conseguiu penetrar suas defesas. Lá em casa, onde ainda sou tratado como um bebê que não sabe limpar a própria bunda, tentar algo assim me pareceu genial. Se eu pudesse fazer a única coisa que nem o famoso Aaron Warner Anderson conseguiu fazer, talvez enfim me respeitassem. Talvez enfim olhassem para mim como um homem e não como um garotinho de dez anos que costumava chorar por seu irmão mais velho todas as noites.

— Excelente ideia, idiota.

Bato a cabeça contra a parede.

Se eu voltar para casa, eles nunca mais vão me deixar fazer nada. Meu meio-irmão está basicamente comandando o mundo ao lado de sua esposa, e eu serei condenado ao trabalho burocrático. De volta às fraldas. Todas as minhas autorizações de segurança revogadas.

Solto uma risada nervosa e passo as mãos pelo cabelo. Não sei como Juliette aguentou o confinamento solitário por quase um ano. Antes de orquestrar sozinha a queda do Restabelecimento, ela sofreu de maneiras que eu nunca poderia imaginar. Agora, olhando esta paisagem infernal de aço polido, percebo que nunca dei a ela crédito suficiente. Pensei que não poderia amá-la mais do que já a amo — afinal, ela e Warner ajudaram a me criar —, mas só de imaginar como o Restabelecimento a torturou...

Não. Não posso pensar nisso. Não aqui. Não agora.

— Chuveiro! — grito para a parede.

Nada acontece.

— Merda! — grito para a parede.

O buraco do vaso sanitário se abre de novo.

— Escutem — digo com raiva —, se vocês não me matarem, o mínimo que podem fazer é servir um lanchinho...

As palavras mal saem da minha boca quando sou atacado por uma lembrança. Em um impulso, vasculho os bolsos até encontrar um pacotinho de ursinhos de goma meio derretidos.

Não consigo não sorrir.

Esses babacas arrancaram todas as armas do meu corpo, mas me deixaram o doce. Eu o roubei da sacola de lanches de Gigi, de cinco anos, quando ela estava saindo pela porta; um instante que agora parece ter acontecido há uma vida inteira. Rasgo o pacote de plástico, depois olho para as gomas derretidas por meio segundo. O cheiro artificial de vários sabores de frutas gera um reconhecimento sensorial tão forte que meu coração quase para.

— Ei — digo, estreitando os olhos para o meu reflexo líquido. — Reconstitua-se.

Esvazio o saco de gomas na boca, depois enfio o plástico no bolso. Ainda estou mastigando quando digo:

— Você vai para casa. Você vai ver todo mundo de novo. Você vai...

A cela começa a vibrar com um estrondo suave e mecânico, e as palavras morrem na minha garganta. Enrijeço e recuo, protegendo os olhos conforme uma das paredes desaparece, depois reaparece com um clarão tão brilhante que não consigo perceber a mudança.

De repente, tenho uma visitante.

Eu sabia que o Restabelecimento tinha uma tecnologia muito avançada — afinal, temos estudado o trabalho deles por uma década —, mas essa garota se materializou como se tivesse saído do nada. Estamos cara a cara, envoltos por aço em todas as direções, e ela está parada, tão desumanamente parada que, por um segundo, acho que estou alucinando. Ela parece uma criatura élfica de um conto de fadas, tão leve que é praticamente um raio de luz. Cabelo loiro-claro, olhos gelados. Pele como vidro.

Absurdamente linda.

Meu coração bate um pouco forte demais. Pisco e me endireito, sentindo os sabores doces e artificiais ganharem vida na minha língua no pior momento possível. Minha boca está cheia de ursinhos de goma meio mastigados. Estou tentando mastigar sem parecer que estou mastigando. Jesus.

A pequena elfa dá um passo na minha direção, e me encolho.

— Diga seu nome e sua data de nascimento — ela instrui sem alarde, seus olhos frios me avaliando.

Algo na maneira como ela inclina a cabeça, somado ao som suave e comedido de sua voz, de repente me faz entender. Essa linda esquisita não é

uma pessoa real. É uma inteligência artificial.

Solto a respiração, e a irritação faz o trabalho contraintuitivo de relaxar meu corpo.

O fato de ela ser um robô torna as coisas mais fáceis. Primeiro de tudo, não vou falar com a merda de um robô. Posso ser um idiota, mas não sou desinformado. Sei o quanto o Restabelecimento ama a vigilância. Sei que esta cela está sendo vigiada. Eles amam jogos mentais. Amam torturar. Se me quisessem morto, teriam enviado uma pessoa de verdade para mexer com a minha cabeça pelo menos um pouco antes de me matar. Mas, em vez disso, essa coisa deve estar gravando e analisando meus sinais vitais enquanto faz uma verificação de antecedentes. Aposto que está vasculhando algum banco de dados agora, descobrindo que Aaron Warner Anderson é meu meio-irmão; que Juliette Ferrars é sua esposa; que sou o filho mais novo de Paris Anderson, o ex-comandante supremo da América do Norte, agora morto. Pegaram um peixe grande.

Mentalmente, dou um chute no meu rosto.

— Eu dei uma instrução — insiste ela, se aproximando com mais um passo.

Mastigo um pouco mais, tentando engolir sem me engasgar e morrer.

— Olhe, se o computador na sua cabeça ainda não sabe quem eu sou só de escanear meu rosto, não sou eu que vou responder às suas perguntas. Então, se estiver aqui para extrair informações, está sem sorte. Talvez seja melhor mandar logo o cara que vai me torturar.

Ela hesita, e a surpresa colore suas feições tão brevemente que quase não vejo. Que tecnologia fascinante e realista.

Ela pisca aqueles olhos estranhos para mim antes de dizer, em voz baixa:

— Você está *comendo* algo?

— Ursinhos de goma — respondo com a boca cheia.

Ela pisca de novo. Há algo tão humano na maneira como me estuda que me dá arrepios.

— Não entendo — diz ela.

— Ursinhos de goma? São como uma bala mastigável.

— Você não tem medo de morrer?

— Ah? — Paro de mastigar. — O quê?

Ela se move na minha direção, eliminando o espaço entre nós em dois passos, e então percebo com um medo repentino e palpável...

Esta é uma mulher de verdade. Não um robô.

Fico tão distraído com esse fato, tão alarmado com o calor de sua mãozinha quando ela toca meu rosto que, a princípio, nem noto a faca pressionada na minha garganta. Ela me segura com uma firmeza surpreendente, meu pescoço exposto à sua lâmina, mas sinto sua respiração na pele, o que mexe com a minha cabeça. Ela tem mãos de boneca. Emanam um aroma fresco, de pinheiros e sabonete. De perto, seus olhos são de um azul-acinzentado pálido e seu casaco escuro está carcomido por traças, além de ser grande demais para ela. Por baixo, veste um suéter largo, e a gola aberta deixa entrever um vislumbre de pele tão fina que me sinto tonto só de olhar.

Acho que não entendi o objetivo deste exercício.

Sou um prisioneiro de alto nível; qualquer imbecil saberia que não deve me matar de imediato. Deveriam estar me torturando para obter informações, usando-me como isca ou alavanca. Em vez disso, eles me designaram uma elfa que precisa ficar na ponta dos pés para alcançar o meu pescoço. Parece que estou sendo atacado por uma flor.

De qualquer forma, a faca na minha garganta é irritante.

Decido atirá-la do outro lado da cela, só por segurança, mas, quando deslizo as mãos dentro do seu casaco, ela respira fundo, assustada, e quase tropeça. Agarro-a por instinto, segurando-a firme sem pensar, mas sou repellido pela sensação de seu corpo — uma cintura tão fina que parece quase perigosa. Observo seu rosto, estreitando os olhos, em confusão, e ela me encara com uma explosão de emoção tão intensa que juro por Deus que a sinto no meu peito.

— Você cheira a maçã — ela sussurra, e estou prestes a sorrir quando ela corta minha garganta.

Capto o brilho do metal, mas a lâmina se move rápido e a dor não me atinge até ela recuar. Levo a mão ao ferimento conforme minha visão se deteriora. O sangue escorre entre os meus dedos. Percebo que já não consigo falar.

Filha da puta.

Ela cortou a minha traqueia também.

Mãos-de-Boneca claramente já fez isso antes e fez bem. Eu tropeço um pouco, emitindo um som estrangulado ao cair com tudo de joelhos. Ela paira sobre mim, observando-me, inexpressiva.

Como se o som viesse do espaço sideral, eu a ouço dizer “ele está pronto para a extração de órgãos” assim que caio no chão.

Ela pega a embalagem do meu bolso antes de desaparecer.

JAMES

Os sons entram e saem: uma mescla de vozes, o clangor do metal. *Dor.* Luzes se acendem em explosões elétricas atrás dos meus olhos. Sinto mãos no meu corpo, aço frio, meus pensamentos arrastados. Uma avaliação cega da situação parece indicar que estou deitado em uma maca, sendo levado pelo que só posso supor ser um corredor. Tenho de dominar a minha mente, forçá-la a se concentrar antes de eu desmaiar, porque, se eu desfalecer, acordarei com a garganta já curada, o que significa que posso despertar bem quando estiverem arrancando os meus rins.

Ou pior.

Meus poderes de cura não são de conhecimento geral, mas também não chegam a ser exatamente um segredo. O Restabelecimento deve estar de fato na merda se esse é o trabalho que anda fazendo. Seria de se esperar que um dos regimes fascistas mais tecnologicamente avançados da história investigasse um pouco os seus prisioneiros; que soubesse que não pode simplesmente cortar minha garganta e me jogar em uma maca nas entranhas de algum buraco ultrassecreto, em uma ilha ultrassecreta, sem consequências sérias; que deveria ter amarrado minhas mãos e pernas antes de me soltar da cela; que deveria ter me dado algum tranquilizante ou, pelo menos, fechado meus olhos...

Sim. Vamos deixar para lá. Pensando melhor, não tem como serem tão burros. É mais provável que seja uma armadilha.

Hora de revidar.

Felizmente, minha cabeça está começando a clarear. Minha respiração está se estabilizando. Achei que nunca pensaria nisto: sou grato pela lambança de sangue na minha garganta, porque esconde o fato de a ferida já estar cicatrizando.

Abro os olhos.

Mãos-de-Boneca é como uma sombra ao meu lado, mas parece haver outra pessoa também. Minha audição está melhorando e minha frequência cardíaca, acelerando.

— ... esperava chegar em casa a tempo para o jantar — diz um cara, rindo. — Acho que eu deveria ter pensado melhor. Todos de uma vez, hein? Vou trabalhar a noite toda processando seu novo despejo de corpos.

Uau, que maravilha.

Mãos-de-Boneca é uma assassina em série. Minhas calças estavam ficando apertadas por causa de uma assassina em série. Kenji vai adorar isso.

— Eu te disse que minha esposa vai fazer lasanha? — O cara ri de novo, mas agora parece nervoso. Não posso culpá-lo. Assassinas em série tendem a deixar as pessoas nervosas. — Ela faz uma ótima lasanha — ele continua. — Na verdade, ela é boa em tudo. Quer dizer, eu sempre soube que ela era talentosa, mas, cara, ela me surpreende a cada dia. Ah, e acabamos de receber nossas fotos do casamento... — De repente, trombamos com algo, e minha cabeça se ergue, depois cai de novo sobre a maca de aço com tanta força que quase estremeço. Xingo em silêncio com todos os palavrões que conheço. — Ops, não vi a parede!

Mais risadas agudas e frenéticas do cara, depois o som estremeecedor de rodas, a vibração do metal, e de novo estamos em movimento. Tenho de ter cuidado para não estufar o peito quando inspiro, mas estou sentindo a força retornar ao corpo, o que significa que está na hora de fazer algo.

— Sabe — continua o cara nervoso —, você não precisa vir comigo até aqui...

— Sim, Jeff, eu preciso — ela responde, baixinho. — Ordens de Soledad.

Algo se agita no meu peito quando ela fala, e mentalmente me dou um soco na virilha. Sua voz é suave como seda — a voz de uma sociopata ou de uma sereia —, e fico preocupado que Jeff e eu possamos mijar nas calças se ela continuar falando.

— Ah — diz ele. — Eu... eu não sabia.

Felizmente, Mãos-de-Boneca não reage a isso, mas agora estou me perguntando quem diabos é Soledad.

— Mencionei que minha esposa vai fazer lasanha hoje à noite? — Mais silêncio. — Eu amo lasanha — declara Jeff. — Você... você gosta de lasanha?

Quando ela o ignora pela segunda vez, começo a me sentir mal pelo cara que espera arrancar os órgãos do meu cadáver. Sento-me e me viro para encará-lo.

— De minha parte, Jeff, adoro lasanha!

Jeff grita. Eu encaro Mãos-de-Boneca por apenas um segundo, tempo suficiente para ver o horror em seu rosto antes de eu pular no chão e empurrar a maca com violência contra o corpo dela, o aço pesado prendendo-a contra a parede com um estalo satisfatório. Ela grita enquanto Jeff sai correndo e gritando, disparando um alarme pelo caminho. O corredor de repente fica cheio de luzes e sons caóticos. Eu giro no lugar. Pessoas de jaleco com aparência de pânico surgem no corredor; mas, quando veem meu pescoço e minha camisa encharcados de sangue — e a garota pressionada, deslizando pela parede —, desaparecem rapidamente. O lugar, eu noto, é branco, muito claro e sem nenhuma marca. Não tenho ideia de como sair daqui. Mais importante, preciso encontrar uma arma.

Mãos-de-Boneca está de volta para a segunda rodada.

Ela empurra a maca para longe de si com um movimento brusco, lutando para respirar ao ficar em pé. Eu a vejo apertar uma mão conforme recupera o fôlego, e não posso deixar de sorrir.

— *Ops*. Quebrei suas costelas?

— Morra — ela rebate.

— Você primeiro.

— Não se iluda — diz ela. — Isto não é uma vitória. Você não tem ideia do que farão com você agora.

As sirenes soam em alta velocidade, uivando com vigor renovado. Deve ser uma questão de segundos antes que o lugar seja invadido.

— Olhe — falo, gritando um pouco em meio ao caos —, eu também não gosto desta situação. É muito estranho bater em uma garota. Se bem que, considerando o fato de que você acabou de me *assassinar*, acho que tenho o direito de revidar. Sendo assim, eu lhe dou duas opções: me mostre como sair daqui ou entregue sua faca.

— Vá para o inferno.

— Uma dessas costelas quebradas perfurou um pulmão? — pergunto, sorrindo de verdade agora. — Você consegue se sentir morrendo?

— Você já teve os intestinos arrancados do seu corpo? — ela rebate, seus olhos brilhando. — Ouvi dizer que é excruciante.

— Você tem cinco segundos para decidir — continuo, cruzando os braços contra o peito. — Cinco. Quatro. Três. Dois... *Porra...*

Recuo quando uma dor lancinante incendeia meu braço. Pelo jeito, ela escolheu a opção dois: entregar a faca. Fecho os olhos com força e arranco a lâmina do meu ombro, de alguma forma conseguindo conter uma enxurrada de palavrões.

— Você tem uma mira terrível — provoco, cerrando os dentes ao limpar a arma na minha camisa. — O truque, caso você ainda não tenha descoberto, é me matar instantaneamente.

Mas, quando olho para a garota, consigo ver por que ela mirou tão mal; está meio curvada, segurando-se na parede para se apoiar, sua pele pálida. Ainda assim, fico surpreso com a expressão em seus olhos. Ela não parece estar brava. Balança a cabeça, quase desapontada, ao dizer:

— Idiota.

Ela pega então uma seringa do bolso, arranca a tampa com os dentes e enfia a agulha na coxa. Quase grita ao se endireitar, seu peito arfando ao puxar ar para os pulmões.

Um trovão de passos ecoa pelo corredor.

Eu me viro, ensanguentado e confuso, para descobrir um enxame de militares avançando na minha direção. Quer dizer, é claro que isso ia acontecer; o Restabelecimento não me deixaria ir embora daqui simplesmente. Mas, droga. Eles estão apontando na minha direção armas que nunca vi. Enormes, pesadas, assustadoras, com uma merda de um neon. Parecem incríveis. Eu quero uma.

— Rosabelle — uma voz ecoa.

Um homem se destaca do grupo e dá um passo à frente, e estou tão ocupado processando o fato de a assassina em série ter um nome tão doce quanto *Rosabelle* que quase perco a visão de seu braço de metal cheio de veias. Também levo um segundo para perceber que ele parece louco. Uma luz azul brilha sobre seus olhos, pulsa em suas têmporas, irradiando por sua prótese biônica. Uma sensação de desconforto formiga na minha pele.

Memórias ruins.

O Restabelecimento uma vez reconstruiu meu pai com próteses de última geração como essa. Esse tipo de regeneração perfeita de membros era inédito há uma década e, embora ainda não tenhamos descoberto como replicar a tecnologia com precisão, parece ser comum por aqui. Ao que

parece, eles têm refinado sua bioengenharia; temos subestimado sua capacidade tecnológica, que é grande apesar de seu isolamento. Por mais de uma década, tentamos nos preparar para qualquer novo inferno que eles pudessem estar arquitetando aqui, mas nossas tentativas de espionagem sempre falharam porque toda a nossa tecnologia é construída com base em sistemas e redes que *eles* construíram.

O Restabelecimento sabe como desativar nossos satélites, porque foram eles que os projetaram; sabem como interferir em nossas usinas de energia, porque as construíram; sabem como desligar nossas redes elétricas, porque as projetaram. Os civis parecem não entender que forasteiros do Restabelecimento ainda vivem entre nós. Quando o regime caiu, apenas a elite rarefeita fugiu para a ilha Ark. Apenas as famílias mais ricas de militares da mais alta patente do Restabelecimento foram orientadas sobre o plano de saída; eram as únicas que podiam embarcar em jatos particulares e evitar as consequências da queda do regime.

O resto dos bajuladores ficou para trás.

Nunca foi fácil discernir quais membros “reformados” do Restabelecimento ainda poderiam ser leais à velha ordem. Muitos deles agora são agentes secretos espalhados por todo o globo, minando nosso governo sempre que podem. O ano passado foi mais brutal do que nunca: houve uma misteriosa explosão de gasoduto em uma escola primária, que matou mais de cem crianças. Foi um dos dias mais sombrios da nossa história recente; o pesadelo ainda está gravado na minha pele. Continuamos tentando explicar ao nosso povo que estamos sendo hackeados e atacados, mas está ficando mais difícil convencer as pessoas disso quando o Restabelecimento parece, ao que tudo indica, ter se recolhido à escuridão.

Tudo o que sabemos com certeza é que estamos nos esforçando.

Essas operações psicológicas são destinadas a virar as massas contra nós. As pessoas têm memória curta e inconstante; muitas estão começando a se perguntar se a vida sob o Restabelecimento não era melhor. Juliette está preocupada. Até Warner, que raramente demonstra emoção, parece estressado. Foi ele quem aventou a ideia de lançar uma missão secreta na ilha Ark, mas todos nós sabíamos que ele não deixaria Juliette na condição em que ela está.

Então, criei um plano genial: descobrir algo útil sobre os psicopatas daqui, voltar vivo para casa e, assim, ganhar o respeito dos meus amigos e

familiares. O problema é que nenhum espião do continente jamais violou essas fronteiras e sobreviveu. Eu esperava ter as habilidades necessárias para ser a exceção.

Parece que eu estava errado.

O cara com o braço robótico está caminhando na minha direção agora, com a arma erguida. Imagino alguns cenários, tentando fazer os cálculos necessários para determinar se vale a pena esfaquear esse cara antes que ele abra um buraco no meu peito, quando, de repente, o homem desacelera. Ele me examina com aqueles olhos assustadores. Abaixa a arma.

— Incrível — diz ele, com um toque de admiração na voz. — Você se parece muito com o seu pai. Que pena que vocês dois tenham morrido de formas tão trágicas. — E, então, jogando sua arma para Rosabelle sem olhar: — Seja rápida.

ROSABELLE

Na fração de segundo em que a arma voa entre mim e Soledad, o prisioneiro se lança para a frente, agarra-a no ar e pousa suavemente no chão.

Na mesma hora, ele abre fogo contra todos.

Tiros explodem, gritos perfuram o ar. Soledad grita ordens, mas os sons saem distorcidos; sirenes soam e luzes piscam. Eu recuo contra a parede fria, meus calcanhares batem no rodapé e minhas mãos procuram apoio. A cena que se desenrola diante de mim é tão impossível que parece sangrar pelas bordas. Sinto como se o chão estivesse derretendo sob meus pés, a respiração alta nos meus ouvidos, a dor nas costelas latejando. Eles atiram no preso sem parar, mas seus reflexos são extraordinários; ele consegue se esquivar da maioria dos tiros, sofrendo ferimentos leves que agora eu percebo que ele consegue superar com facilidade. Vê-lo se mover é como testemunhar o vento: só sei que ele estava ali quando outra pessoa cai.

Não há precedentes para tal situação.

Fui convocada aqui inúmeras vezes, e meu trabalho sempre foi impecável. Nunca deixei de matar um alvo. Nunca nenhum preso conseguiu escapar. Este não pode simplesmente fugir pelos corredores; ele não pode relatar nada que tenha testemunhado aqui. E eu...

Eu serei executada por esse insucesso.

A percepção me atinge como outra injeção de adrenalina. Uma imagem de Clara ganha vida atrás dos meus olhos e seu nome reverbera na minha cabeça. Se eu estiver morta, ninguém limpará o sangue de seus lábios. Se eu estiver morta, ninguém a pegará quando ela desmaiar. Ninguém lhe dará banho, ninguém lerá para ela, ninguém penteará os nós de seu cabelo. Clara só tem permissão para viver assim porque assumo total responsabilidade por suas necessidades. Sem mim, eles a jogarão em um hospício, onde ela terá uma morte lenta e torturante.

Se eu estiver morta, ninguém vai sorrir para ela novamente.

Eu me arrasto para ficar em pé, reprimindo um gemido ao sentir a dor atravessando meu corpo. Não tenho ideia de quantas costelas quebrei. A fome sistemática enfraqueceu meus ossos, atrofiou meus músculos. Sinto o tremor revelador na minha mão direita e cerro o punho.

O Restabelecimento não tem compaixão pelos fracos.

Percebo, ao dar um passo à frente, que fiquei um pouco surda por causa da enxurrada de caos e som. Há um zumbido tão alto nos meus ouvidos que ouço apenas uma dissonância abafada enquanto me forço a entrar na briga, mancando um pouco sobre os corpos caídos. Minha visão concentra-se em uma única figura: o prisioneiro está agora envolvido em um combate corpo a corpo com os dois únicos guardas restantes, e eu o vejo desferir um golpe esmagando a mandíbula de um, depois do outro, antes de sacar sua arma roubada e abrir fogo contra suas gargantas. Recuo duas vezes. Sangue espirra por todo lado, mas apenas a cabeça de um oficial se desprende do corpo.

Meus ouvidos ainda estão zumbindo.

Registro vagamente que Soledad está deitado por perto em uma poça de seu próprio sangue, o brilho de sua prótese piscando na minha visão periférica. Em um movimento tão excruciante que quase me tira o fôlego, eu me curvo para roubar a arma de Soledad de seus dedos flácidos, então iço a arma pesada nos meus braços, verificando o preenchimento a laser do carregador. Minha visão fica turva; gotas de suor escorrem na minha testa. Ocorre-me que estou com uma leve febre — que talvez meu estado físico esteja pior do que eu temia.

Estranhamente, essa percepção me traz conforto.

Se é para eu morrer de um jeito ou de outro, há pouco a temer de ferimentos. Não terei medo desse estranho, que parece cronicamente destemido. Não terei medo de um insurrecionista arrogante, um rebelde inútil. As últimas palavras de Soledad para ele ecoam na minha cabeça...

Você se parece muito com o seu pai.

Não sei o que isso significa. Não sei quem é seu pai ou se essa informação é relevante. Talvez eu nunca saiba, pois Soledad está morto. Sei que o prisioneiro tem olhos azuis e cabelos castanhos, uma descrição reducionista que não consegue ilustrar um problema. Seu rosto é como nenhum outro que eu já tenha visto. Sua beleza é absurda e chocante, o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vigia-me"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).